

INFLUÊNCIA DE PALESTRAS NAS PERCEPÇÕES ANTIRRACISTAS DOS ALUNOS DO 9º ANO EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA ESTADUAL

Daniela da Silva Machado¹

Erik Silva Gonçalves

Franciane Estumano da Silva

Marcos Vinicius Mendes Ribeiro

Rafael Santos de Nazaré²

RESUMO:

A pesquisa investigou a influência de palestras sobre o racismo na percepção dos alunos do 9º ano em uma escola pública. A metodologia desse estudo é de abordagem quantitativa. Foi realizada um relato de experiência por meio de observações e aplicação de um questionário, para compreender a percepção dos alunos sobre o racismo e a importância das práticas antirracistas. Conclusão: As pesquisas contribuíram para uma maior conscientização sobre o racismo e incentivaram a adoção de práticas antirracistas entre os alunos do 9º ano da escola pública, criando um ambiente mais inclusivo e igualitário, promovendo a construção de uma sociedade mais justa.

Palavras-chaves: Racismo. Palestra. Educação

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada "A influência de palestras sobre práticas antirracistas e racismo na percepção dos alunos do 9º ano da Escola Estadual Ana Pontes Francez" tem como objetivo geral investigar a influência das palestras sobre práticas antirracistas e racismo na percepção dos alunos do 9º ano, visando promover a conscientização sobre o racismo, estimular a reflexão crítica e fomentar a adoção de práticas antirracistas entre os estudantes.

Para alcançar esse objetivo, foram estabelecidos três objetivos específicos. O primeiro objetivo é avaliar o conhecimento prévio dos alunos do 9º ano sobre o racismo e suas manifestações antes das palestras. Isso será realizado por meio da aplicação de questionários que permitirão identificar o nível de conhecimento dos alunos sobre o tema.

O segundo objetivo é investigar a influência das palestras sobre práticas antirracistas e racismo na percepção e compreensão dos alunos em relação ao tema. Serão realizadas observações e registros durante as palestras, além da análise dos materiais utilizados, a fim de identificar como as palestras impactam a percepção e compreensão dos alunos sobre o racismo e a importância das práticas antirracistas.

¹Acadêmico do curso de Licenciatura em Educação Física da UEPa. E-mail: danimaa8@gmail.com

O terceiro objetivo é analisar a percepção dos alunos sobre a importância das práticas antirracistas na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Para isso, serão realizadas entrevistas individuais ou em grupo, permitindo coletar informações sobre como os alunos percebem a relevância das práticas antirracistas e se houve mudanças de atitude e comportamento após a participação nas palestras.

Esses objetivos específicos têm como finalidade compreender o conhecimento prévio dos alunos, avaliar a influência das palestras na percepção e compreensão do tema e analisar a importância atribuída às práticas antirracistas, bem como possíveis mudanças de atitude e comportamento dos alunos após a participação nas palestras. Espera-se que os resultados dessa pesquisa contribuam para promover a conscientização sobre o racismo e fomentar a adoção de práticas antirracistas entre os alunos do 9º ano da Escola Estadual Ana Pontes Francez.

A problemática desta pesquisa consiste em investigar como as palestras sobre práticas antirracistas e racismo influenciam a percepção dos alunos do 9º ano da Escola Estadual Ana Pontes Francez, bem como promovem a conscientização e a adoção de práticas antirracistas entre eles.

Para responder a essa problemática, três questões norteadoras foram delineadas. A primeira questão busca compreender qual é o nível de conhecimento prévio dos alunos do 9º ano sobre o racismo e suas manifestações antes das palestras.

A segunda questão norteadora tem como objetivo investigar de que forma as palestras sobre práticas antirracistas e racismo impactam a percepção e compreensão dos alunos em relação ao tema.

A terceira questão norteadora busca compreender como os alunos percebem a importância das práticas antirracistas na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, bem como investigar se houve mudanças de atitude e comportamento após a participação nas palestras.

Este artigo foi organizado em três seções principais, cada uma abordando um aspecto crucial relacionado ao tema do racismo e da educação antirracista na escola.

Na primeira seção, exploraremos as características do racismo. Discutiremos suas origens, formas de manifestação e impactos na sociedade. Será apresentado um panorama abrangente para que possamos compreender melhor a natureza complexa desse fenômeno.

Na segunda seção, nos dedicaremos a discutir as práticas antirracistas. Serão apresentadas estratégias, abordagens e iniciativas que visam combater o racismo e

promover a igualdade racial na escola. Exemplos de ações inclusivas, programas educacionais e sensibilização serão abordados, destacando sua importância na construção de um ambiente escolar mais justo e livre de discriminação.

Na terceira e última seção, abordaremos especificamente a questão do racismo na escola. Serão analisados casos concretos, relatos de experiências e estudos que evidenciam a presença do racismo nas instituições de ensino. Também serão discutidos os desafios enfrentados nesse contexto e possíveis caminhos para superar esse problema, promovendo um ambiente escolar mais inclusivo e igualitário.

Ao organizar o artigo dessa forma, buscamos proporcionar uma visão abrangente e detalhada sobre o tema, abordando tanto os aspectos teóricos quanto as práticas concretas relacionadas ao racismo e à educação antirracista na escola.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 HISTÓRIA DO RACISMO

Ao considerarmos a origem do racismo, podemos percebê-lo como resultado de um conceito de raça. Etimologicamente, a palavra "raça" tem origem no termo italiano "razza", que, por sua vez, deriva do latim "ratio", que significa categoria de espécie, segundo Carl Van Linné. O determinismo racial de Lombroso e o darwinismo social, que estabelecem comparações entre características físicas e morais, influenciam a discussão sobre o racismo, baseada na história dos conflitos entre diferentes grupos étnicos. (Munanga,1999)

Diante dessa dimensão destrutiva, a opressão racial se manifesta por meio de diversos tipos de discriminação contra pessoas negras. Existe uma falta de sensibilidade em relação à escassez do acesso, em grande parte, da população negra, aos direitos sociais mais básicos, como educação, moradia e saúde. No âmbito da participação política, os cargos nos órgãos executivo, legislativo e judiciário são exclusivamente ocupados por pessoas brancas, com exceções raras que confirmam essa regra. (Aristoteles,2002)

Muitos estabelecimentos, incluindo bancos, comércios, linhas aéreas, universidades e instituições públicas e privadas, têm a prática de contratar apenas pessoas de raça branca, o que resulta, em muitos casos, na prestação de serviços de qualidade inferior à maioria da população negra. (Moore,2017)

É importante destacar que a visão de que o racismo seja uma experiência contemporânea, com raízes exclusivamente na escravização dos povos africanos pelos europeus a partir do século XVI, não se sustenta historicamente. Embora essa seja uma

perspectiva dominante, ela não encontra respaldo em pesquisas sérias. Da mesma forma, a ideia de que o racismo teve um único local e período de origem não parece condizente com a realidade histórica. (Madlangbayan,2019)

O racismo é um fenômeno complexo e multifacetado, que se manifestou ao longo de diferentes períodos e em diversas regiões do mundo. Suas origens podem ser rastreadas em diferentes contextos históricos, como as formas de discriminação e hierarquização social presentes em diversas culturas antigas. Além disso, o racismo não se restringiu apenas à escravidão africana, mas também esteve presente em outras formas de exploração e opressão ao longo da história. (Dumont,1992)

Portanto, é necessário ampliar nossa compreensão do racismo, reconhecendo sua complexidade histórica e sua presença em diferentes sociedades ao longo do tempo. Isso nos permite ter uma visão mais abrangente e precisa desse fenômeno, contribuindo para uma análise mais completa e embasada.

Segundo Almeida (2018), os conceitos de raça e racismo são fundamentais para compreendermos a sociedade contemporânea, uma vez que eles têm desempenhado um papel estruturante nas relações sociais brasileiras. O autor argumenta que esses conceitos fornecem a base, a lógica e a tecnologia para as formas de desigualdade e violência que moldam a vida social atual (ALMEIDA, 2018).

2.2. PRÁTICAS ANTIRRACISTAS E RACISMO NA ESCOLA

Este texto tem como objetivo abordar a importância das práticas antirracistas na sociedade atual, especialmente no contexto escolar. Apesar de ser um tema relevante, o racismo muitas vezes ocorre de maneira velada ou não reprimida dentro das salas de aula. Nesse sentido, é fundamental avançar na luta contra esse preconceito.

A promotora de justiça baiana, Livia Sant'Anna Vaz (2020), destaca a necessidade de ir além do discurso e reconhecer o privilégio da população branca. Ela ressalta que o racismo existe e causa danos às pessoas, e defende a importância de utilizar espaços onde a voz dos negros geralmente não é ouvida para promover discussões. A omissão e o silêncio diante do racismo apenas contribuem para perpetuá-lo.

No entanto, ainda há falta de compreensão sobre o próprio conceito de "antirracismo". Conforme Troya e Carrington (1990), a educação antirracista abrange uma variedade de estratégias organizacionais, curriculares e pedagógicas que visam

promover a igualdade racial e eliminar a discriminação e a opressão, tanto no âmbito individual quanto institucional.

É importante ir além de simplesmente não praticar o racismo. Devemos evitar piadas e brincadeiras discriminatórias, mesmo quando estamos em ambientes informais. Se nos calarmos diante do racismo, nos tornamos cúmplices desse crime. Devemos repreender e repudiar todas as formas de racismo, inclusive o racismo estrutural presente em nossos ambientes sociais.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que, em 2022, 56% da população brasileira se autodeclarou negra. No entanto, os negros ainda enfrentam desigualdades socioeconômicas significativas: apenas 17% dos mais ricos são negros, enquanto três quartos da população mais pobre é composta por negros.

Apesar disso, o povo negro continua resistindo e lutando por um convívio diário livre de discriminação racial e opressão. É importante entender que essa luta não é exclusiva dos negros e que não basta apenas não ser racista. Devemos nos posicionar contra esse preconceito, que está presente em nossas instituições de educação devido às raízes históricas do colonialismo.

Munanga (2005) aborda a existência de preconceitos enraizados que permeiam o ambiente escolar. Ele enfatiza que os materiais didáticos, como livros, imagens e vídeos, carregam conteúdos viciados, depreciativos e preconceituosos em relação a povos e culturas não ocidentais. Esses preconceitos também se manifestam nas relações sociais entre alunos e entre alunos e professores no contexto escolar.

É importante ressaltar que a luta contra a discriminação racial é uma responsabilidade de todas as pessoas, independentemente da cor da pele (Oliveira, 2020). Conforme destacado por Oliveira (2020), combater o racismo em comunidades onde ele é negado no cotidiano é um trabalho político de longo prazo. Não devemos ter a ingenuidade de acreditar que, em curto ou médio prazo, o racismo vai desaparecer ou ser neutralizado por meio de discursos antirracistas. As práticas antirracistas são contrárias a um mundo baseado em pensamentos hierárquicos coloniais equivocados e ignorantes.

2.3 RACISMO NA ESCOLA

A presença do preconceito racial na sociedade é uma realidade constante, manifestando-se de maneira evidente ou velada. Infelizmente, as estruturas

institucionais também não estão isentas desse problema, apesar de seu papel fundamental em fornecer educação acadêmica, promover a cidadania, preparar para o futuro profissional, facilitar a socialização e contribuir para o crescimento pessoal. É inegável que essas instituições muitas vezes reproduzem o preconceito.

De acordo com Silva, Silva e Silva (2023), algumas ações ocorridas nas instituições escolares têm contribuído para a reprodução de práticas preconceituosas e discriminatórias em relação à raça, gênero, classe e outros sistemas de poder. Esses autores destacam a necessidade de uma reflexão crítica sobre tais práticas, visando transformar as instituições em espaços mais inclusivos, igualitários e respeitosos.

É fundamental reconhecermos a existência dessas dinâmicas preconceituosas e trabalharmos ativamente para combatê-las, tanto em âmbito individual quanto institucional. A construção de uma educação antirracista e o desenvolvimento de práticas inclusivas são passos essenciais para a promoção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Apesar de algumas pessoas tentarem ignorar que o preconceito existe, infelizmente, ele está presente tanto entre os alunos quanto entre os professores e os demais profissionais que constituem as instituições, não só nos dias de hoje, mas ao longo do tempo, evidenciando como o sistema é frágil, como afirma a autora Mendes (2019). Na escola, frequentemente se deparam com casos de racismo, preconceito e discriminação. Muitas vezes, os profissionais enfrentam dificuldades em lidar com essas situações devido à falta de experiência, qualificação e, por vezes, incapacidade em lidar com a diversidade.

Segundo os autores Primo e França (2020), que frequentemente, crianças negras enfrentam o desafio de construir uma identidade e autoconceito negativos, levando à rejeição de seus traços e pertencimento racial, contribuindo assim para o desenvolvimento de baixa autoestima. Os impactos do preconceito racial na vida das pessoas são notáveis, refletindo em baixa autoestima, tristeza e, principalmente, desempenho escolar ruim, além da negação da identidade negra, onde ver a própria origem como algo ruim contribui para sentimentos de inferioridade.

Muitas vezes, as escolas representam a história do povo negro apenas com a escravidão sofrida, deixando de lado todas as figuras negras importantes que mudaram ou contribuíram para a história. São numerosos os filmes e documentários ressaltam as realizações de pessoas negras em diversas áreas da sociedade, essas produções podem

ser utilizadas como recursos pedagógicos para estimular o empoderamento negro. Uma proposta seria designar o dia 20 de novembro como o ápice de projetos realizados ao longo do ano, fortalecendo, assim, o empoderamento negro. (Freitas, Davel, Araújo, 2023).

Uma maneira adicional de promover essa representatividade é por meio dos brinquedos, especialmente para o público infantil. Conforme apontado por Carneiro e Russo (2020), a representatividade presente nos brinquedos pode desempenhar um papel decisivo na construção de uma imagem positiva de si mesmo ou de autoimagem, especialmente para crianças que se identificam com esses brinquedos. É essencial que esses objetos estimulem o conhecimento de si e do outro, ajudando a criança a se enxergar e a enxergar seus colegas, permitindo que o brinquedo incite reflexões na criança que brinca com ele. Essa diversidade é de extrema importância para que todas as crianças possam aprender a lidar com as diferenças presentes nos outros.

Uma abordagem eficaz para combater o racismo nas escolas é a implementação de uma educação antirracista. Isso implica em conscientizar os alunos sobre o tema, estimulando reflexões e debates em sala de aula, além de fornecer materiais educativos que promovam a diversidade e a igualdade racial. Os currículos escolares devem incluir conteúdos que abordem a história, a cultura e as contribuições dos povos negros e de outras etnias, evitando a perpetuação de estereótipos e preconceitos.

Além disso, é importante investir na formação dos professores, capacitando-os para lidar com questões relacionadas ao racismo e à discriminação. Os educadores devem estar preparados para promover um ambiente acolhedor e inclusivo, onde todos os alunos se sintam valorizados e respeitados.

A criação de espaços de diálogo e escuta também é fundamental. As escolas devem incentivar a participação ativa dos alunos, permitindo que eles expressem suas experiências, dúvidas e preocupações. A promoção de eventos, palestras e atividades que valorizem a diversidade étnico-racial pode contribuir para a conscientização e a mudança de atitudes.

Por fim, é essencial que haja um comprometimento por parte das autoridades educacionais, dos gestores escolares e de toda a comunidade escolar em combater o racismo. Políticas institucionais claras e efetivas devem ser implementadas, garantindo que a igualdade racial seja uma prioridade em todas as esferas da educação.

Em resumo, o combate ao racismo nas escolas requer uma abordagem abrangente, envolvendo a conscientização dos alunos, a formação dos professores, a

inclusão de conteúdos antirracistas nos currículos, a promoção de espaços de diálogo e escuta, e o comprometimento das autoridades educacionais. Somente assim será possível construir escolas verdadeiramente inclusivas, onde a diversidade seja valorizada e o respeito prevaleça.

3. METODOLOGIA

Este texto é um relato de experiência que aborda a importância da escrita como forma de compartilhar conhecimentos e promover discussões sobre diversas temáticas. O conhecimento humano está intrinsecamente ligado ao aprendizado formal e às experiências socioculturais. Registrar essas experiências por escrito é uma maneira relevante de disponibilizar informações para a sociedade, especialmente por meio da internet, dada a capacidade do contexto contemporâneo informatizado. Assim, o objetivo desse conhecimento é contribuir para a formação das pessoas na sociedade em que vivem (CÓRDULA; NASCIMENTO, 2018).

A - ABORDAGEM DA PESQUISA

Abordagem de Pesquisa Mista: Este estudo adota uma abordagem de pesquisa mista. Conforme descrito pelo autor Creswell (2012), a abordagem mista é caracterizada pela combinação de dados quantitativos, como números e indicadores, que podem ser analisados usando técnicas estatísticas para obter informações rápidas e confiáveis sobre um grande número de observações. Além disso, a abordagem inclui o uso de técnicas qualitativas, como entrevistas abertas, para obter informações sobre as perspectivas dos entrevistados e explorar os aspectos subjetivos do fenômeno em estudo.

Reconhecemos que tanto as técnicas quantitativas quanto as qualitativas possuem vantagens e limitações específicas. Geralmente, são utilizadas com propósitos distintos. No entanto, ao integrar essas abordagens, é possível aproveitar o melhor de cada uma delas para responder a uma questão de pesquisa específica.

B - Nível da Pesquisa Exploratório

Este estudo adota o nível de pesquisa exploratória. De acordo com Gil (2002), a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar uma maior familiaridade com o problema em estudo, buscando torná-lo mais explícito ou construir hipóteses. Além disso, Bervian e da Silva (2007) destacam que a pesquisa exploratória é o primeiro passo em qualquer trabalho científico, sendo realizada quando o objetivo é investigar

um tema pouco estudado. Portanto, autores como Gil, Bervian e da Silva são referências importantes para compreender a natureza da pesquisa exploratória.

C - Local da Pesquisa

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Médio (E.E.E.M) Ana Potes, localizada na cidade de Tucuruí, no estado do Pará.

D - População e Amostra

A população-alvo do estudo consiste em 20 pessoas, com idades entre 16 e 21 anos, de ambos os sexos.

E - Instrumento de Coleta de Dados

Para coletar os dados, foi utilizado um questionário estruturado composto por 11 perguntas de resposta fechada. De acordo com a definição fornecida pelo autor (ano), um questionário é uma ferramenta que permite obter informações de forma organizada e padronizada.

F - Análise de Dados

A análise dos dados será realizada utilizando a plataforma Excel como ferramenta analítica. De acordo com o autor (ano), o Excel é uma ferramenta poderosa para análise de dados e tomada de decisões. Com suas funções e recursos avançados, o Excel permite que os usuários organizem, analisem e visualizem dados de maneira eficiente e eficaz.

G - ASPECTOS ÉTICOS:

A pesquisa sobre práticas antirracistas com alunos do ensino fundamental foi fundamentada na Resolução 510/2016, que estabelece as diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos. Em conformidade com essa resolução, foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para todos os participantes da pesquisa. O TCLE é um documento no qual são apresentados de forma clara e acessível os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como os direitos dos participantes. Antes de participar, os pais ou responsáveis dos alunos foram devidamente informados sobre a natureza da pesquisa e concederam seu consentimento por escrito. Além disso, foram adotadas medidas para preservar a privacidade e a confidencialidade dos participantes, garantindo que suas

informações fossem tratadas de forma segura e anonimizada. Dessa forma, a pesquisa foi conduzida de maneira ética, respeitando os princípios de proteção e bem-estar dos participantes, conforme preconiza a Resolução 510/2016.

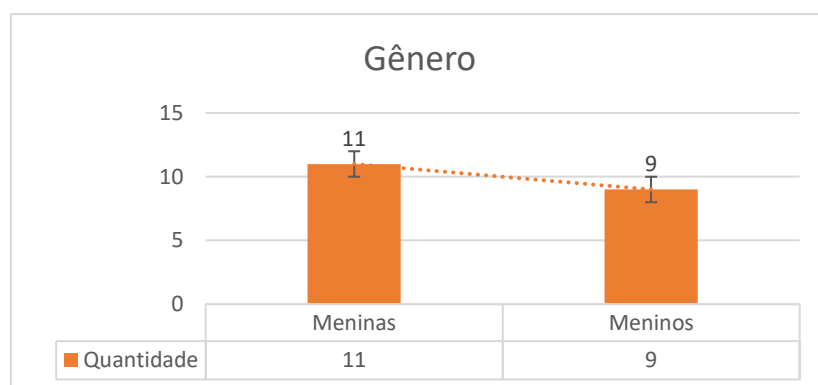
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo tem como objetivo apresentar os dados coletados na pesquisa de campo realizada na Escola Estadual Ana Pontes com 20 alunos do 9º ano, que foram objeto de estudo. Inicialmente, será apresentado o perfil dos alunos pesquisados, obtido por meio da aplicação dos questionários. Em seguida, será realizada a análise dos dados de cinco questões.

Gênero

Dentre os alunos pesquisados, constatou-se uma predominância do gênero feminino. É importante ressaltar que a pesquisa foi conduzida com uma amostra limitada de 20 alunos, correspondente a uma única turma do 9º ano do ensino fundamental. Apesar dessa limitação, é possível inferir algumas características do público-alvo do primeiro segmento. Na amostra analisada, foram identificadas 11 alunas e 9 alunos, conforme apresentado no gráfico 1 abaixo:

Gráfico 1

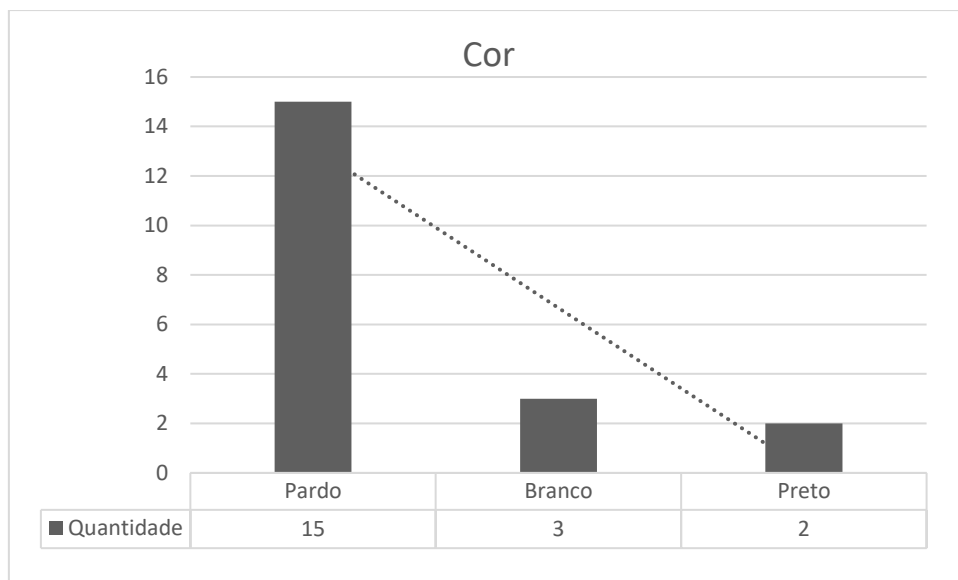


Cor Declarada

No que diz respeito à cor declarada, a maioria dos alunos autodeclara-se como parda, totalizando 15 alunos, seguido por 3 alunos que se declaram brancos, segundo (SELASSIE, 1963) “Enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho dos olhos,

haverá guerra”. Apenas 2 alunos se autodeclaram como pretos, como pode ser observado no gráfico 2 abaixo:

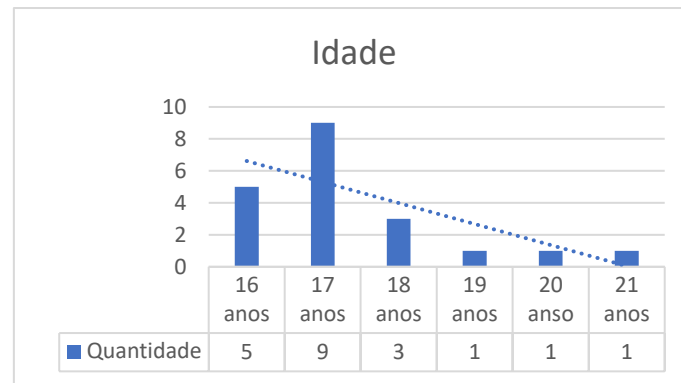
Gráfico 2



Idade

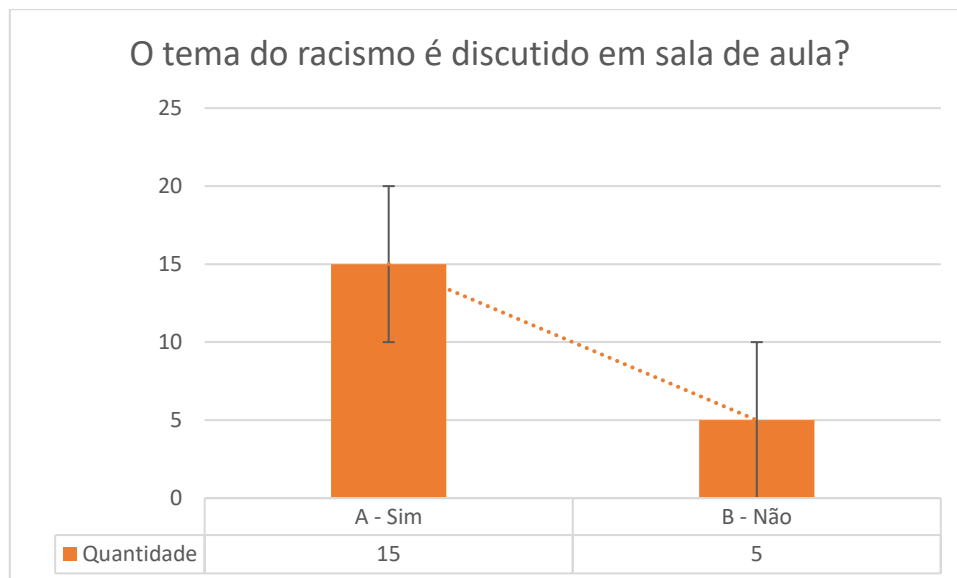
No questionário, foi solicitado que cada aluno indicasse sua idade. O aluno mais jovem relatou ter 16 anos, enquanto o aluno mais velho tinha 21 anos no dia da pesquisa. Em relação à faixa etária, a maioria dos alunos pesquisados está na faixa etária de 16 a 21 anos. Segundo afirma (NERI; FREIRE, 2000) "velhice é uma fase do ciclo da vida. Na perspectiva demográfica, tem seus limites dados por números, pois chegamos à velhice aos 60 anos de idade. Entre os termos mais usuais, temos: terceira idade, melhor idade, adulto maduro, idoso, velho, meia-idade, maturidade, idade maior e idade madura." conforme demonstrado no gráfico 3, que ilustra a concentração das faixas etárias.

Gráfico 3



Partindo para as questões deste questionário, foram selecionadas 6 questões, incluindo uma única questão aberta. A pergunta realizada na questão 1 foi: "O tema do racismo é discutido em sala de aula?" Dos alunos entrevistados, 15 responderam afirmativamente, enquanto 5 responderam negativamente, conforme ilustrado no gráfico 4. segundo (MANDELA, 1993) "Ninguém nasce odiando outra pessoa por sua cor da pele, sua origem ou sua religião. As pessoas podem aprender a odiar e, se podem aprender a odiar, pode-se ensiná-las a aprender a amar. O amor chega mais naturalmente ao coração humano que o contrário."

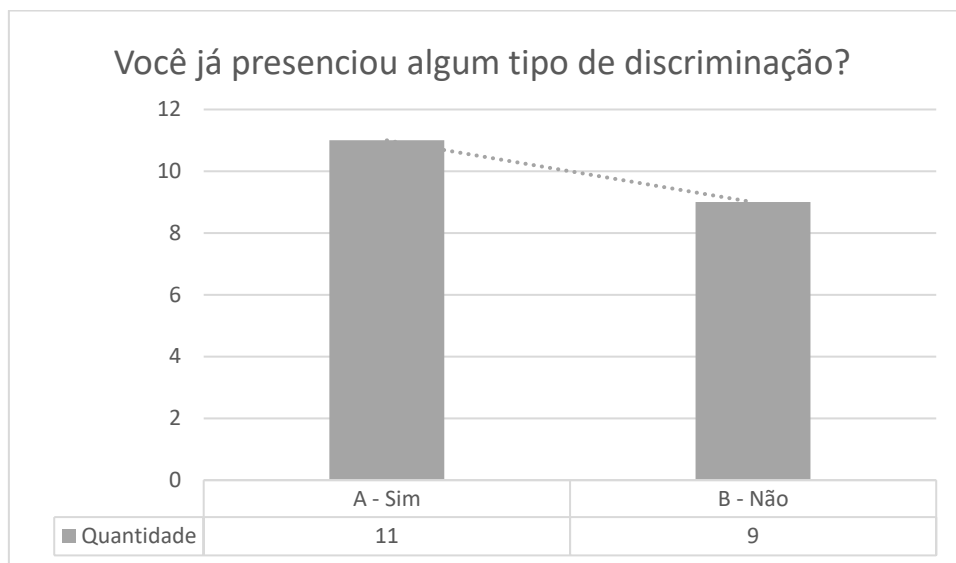
Gráfico 4



Na questão 2 do questionário, foi realizada a seguinte pergunta: "Você já presenciou algum tipo de discriminação?" Dos alunos entrevistados, 11 responderam que sim,

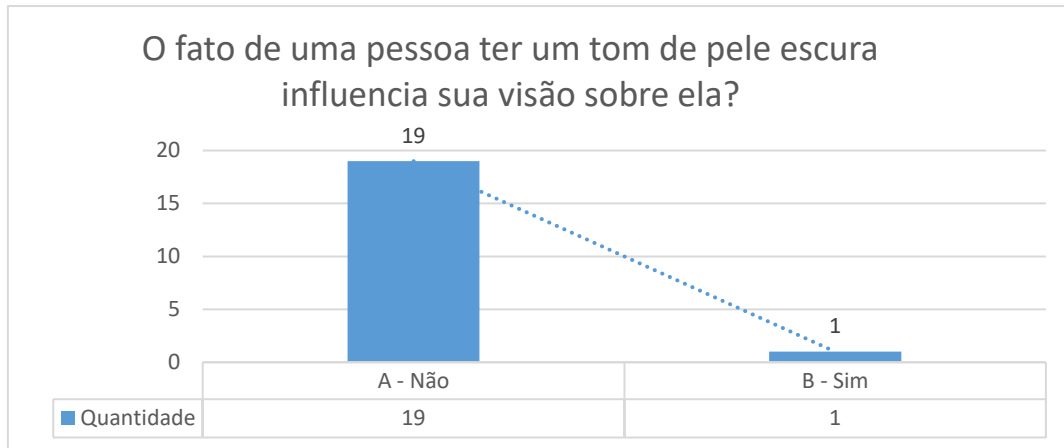
enquanto 9 responderam que não, conforme apresentado no gráfico 5. Afirma (LUTHER KING, 1963) “A discriminação dos negros está presente em cada momento das suas vidas para lembrá-los que a inferioridade é uma mentira que só aceita como verdadeira a sociedade que os domina.”

GRÁFICO 5



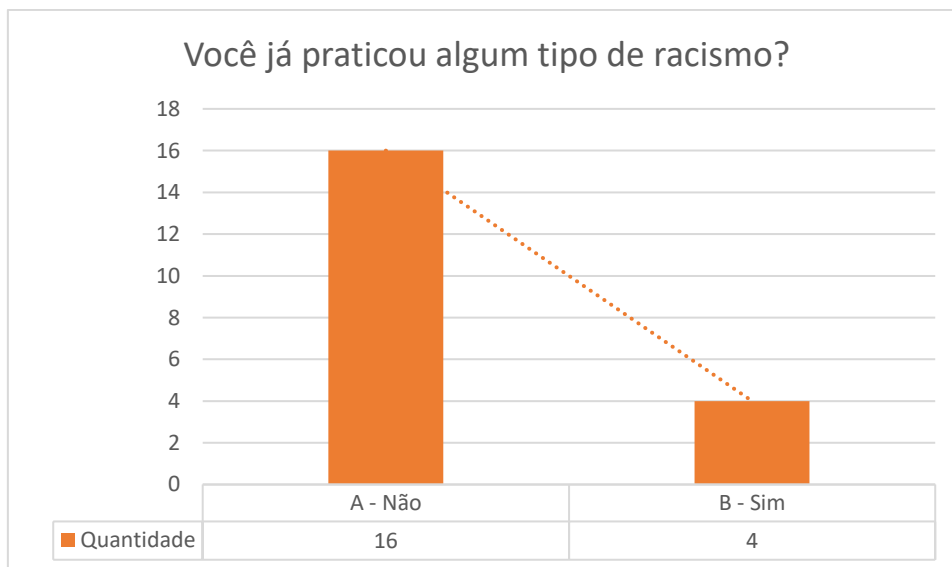
Na questão 3 do questionário, foi feita a seguinte pergunta: "O fato de uma pessoa ter um tom de pele escura influencia sua visão sobre ela?" Dos alunos entrevistados, 19 responderam que sim, enquanto apenas 1 respondeu que não. Esses resultados indicam que o preconceito ainda é uma questão preocupante nas escolas e destaca a importância contínua de discutir esse tema sempre que possível. Para (LUTHER KING, 1963) “Eu tenho um sonho de que um dia meus quatro filhos vivam em uma nação onde não sejam julgados pela cor de sua pele, mas pelo seu caráter.”

Gráfico 6



Na questão 4 do questionário, foi feita a seguinte pergunta: "Você já praticou algum tipo de racismo?" Dos alunos entrevistados, 16 responderam que sim, enquanto 4 responderam que não. É preocupante observar que 4 alunos admitiram ter praticado algum tipo de racismo, o que destaca a necessidade de abordar essa questão de forma educativa e promover uma cultura de respeito e igualdade. Segundo (DAVIS, 2017) "Em uma sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista".

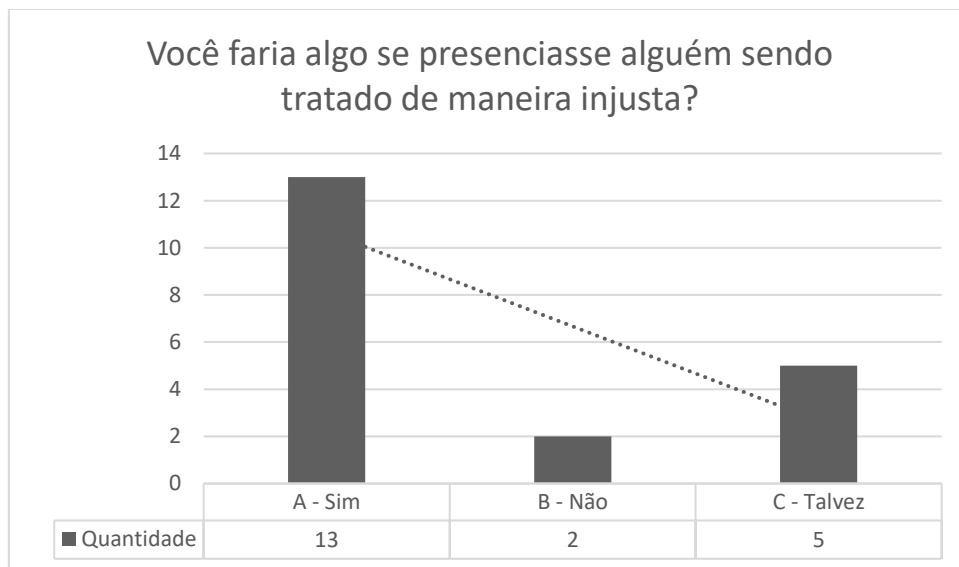
Gráfico 7



Na questão 5 do questionário, foi feita a seguinte pergunta: "Você faria algo se presenciasse alguém sendo tratado de maneira injusta?" Dos alunos entrevistados, 13 responderam que sim, 2 responderam que não e 5 responderam "talvez". Embora tenhamos obtido uma proporção significativa de respostas afirmativas, é preocupante notar que alguns alunos indicaram que não ajudariam ou têm incertezas sobre o assunto.

Isso evidencia a necessidade de promover a conscientização sobre a importância de agir contra situações de injustiça e incentivar atitudes de solidariedade e empatia. Para (MEDEIROS 2006) O verdadeiro amor acontece por empatia, por magnetismo, por conjunção estelar. (...) Ninguém ama outra pessoa porque ela é educada, veste-se bem e é fã do Caetano. Isso são só referências. Ama-se pelo cheiro, pelo mistério, pela paz que o outro lhe dá, ou pelo tormento que provoca.”

Gráfico 8



Na única questão aberta do questionário, que perguntava "Qual sua opinião sobre racismo?", recebemos respostas excelentes, mas uma delas chamou bastante atenção. A aluna A expressou sua opinião de forma impactante, dizendo: "Na minha opinião, o racismo é um crime muito feio, e acho que todos devem respeitar aqueles com cor diferente, estilo diferente. Somos todos iguais, todos do sangue vermelho." As palavras de A são muito pertinentes, ressaltando a importância do respeito mútuo e a igualdade entre todas as pessoas, independentemente de sua cor de pele ou estilo. Devemos reconhecer e valorizar essa perspectiva, pois o respeito é fundamental em nossa sociedade. Afirma (CURY, 2002) “Acima de sermos negros, brancos, árabes, judeus, americanos, somos uma única espécie. Quem almeja ver dias felizes, precisa aprender a amar a sua espécie (...) se você amar profundamente a espécie humana, estará contribuindo para provocar a maior revolução social da história.”

CONCLUSÃO

Concluindo, com base nos resultados obtidos, podemos afirmar que o questionário utilizado na pesquisa foi bem compreendido pelos respondentes, o que demonstra uma avaliação positiva em relação à influência das palestras nas percepções antirracistas dos alunos do 9º ano em uma instituição pública estadual. Esses resultados reforçam a importância do questionário como um instrumento valioso para avaliar a efetividade das palestras antirracistas.

É crucial ressaltar que a implementação de palestras antirracistas nas escolas desempenha um papel fundamental na promoção da conscientização, da compreensão e da criação de ambientes mais inclusivos. Essas iniciativas contribuem para a desconstrução de estereótipos, promovem a diversidade e incentivam a igualdade, fortalecendo a construção de uma sociedade mais justa e respeitosa.

No entanto, é preocupante constatar que, mesmo nos dias de hoje, o racismo ainda é evidente nas escolas e em diversos outros contextos sociais. Nesse sentido, é fundamental que as práticas pedagógicas adotadas pelas escolas sejam revistas e aprimoradas para abordar de maneira mais abrangente o combate ao racismo e a promoção da igualdade racial.

Sugere-se que as escolas implementem práticas pedagógicas que vão além das palestras, como a inclusão de conteúdos curriculares que abordem a história e a cultura afro-brasileira e indígena, a promoção de discussões e debates sobre discriminação racial, a incorporação de leituras e materiais que representem a diversidade racial, e a valorização de projetos e atividades que promovam a reflexão e a conscientização sobre o racismo.

Além disso, é importante que os educadores recebam formação contínua sobre educação antirracista, para que possam abordar o tema de forma adequada e sensível, e para que sejam capazes de lidar com situações de discriminação racial que possam surgir no ambiente escolar.

A implementação de práticas pedagógicas que visem combater o racismo e promover a igualdade racial é essencial para garantir um ambiente escolar inclusivo e para contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e respeitosa.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A Política**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

BOCHINI, B. (Ed.). **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023**. Agência Brasil, 2023. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2023.

BRASIL, I. **"IBGE: Negros são 17% dos mais ricos e três quartos da população mais pobre"**. Agência Brasil, 2016. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/ibge-negros-sao-17-dos-mais-ricos-e-tres-quartos-da-populacao-mais-pobre>>. Acesso em: 2 dez. 2016.

CARNEIRO, C. Z.; RUSSO, M. J. DE O. "A criança negra e a representatividade racial na escola". **Cadernos de educação**, v. 19, n. 38, p. 105–126, 2020.

DE FREITAS, J. L. A.; DE SOUZA DAVEL, M. R.; DA SILVA ARAÚJO, L. "As vivências e a luta contra o racismo na escola". **REGRASP - Revista para Graduandos / IFSP-Câmpus São Paulo**, v. 8, n. 4, p. 24–43, 2023.

DUMONT, L. **Homo Hierarquicus: o sistema de castas e suas implicações**. São Paulo: Edusp, 1992.

ENTREVISTA COM CARLOS MOORE E SHAWNA MADLANGBAYAN. **Black Books Bulletin, Winter Issue**, v. 4, n. 33, 1976, p. 33.

IBDFAM. **"5 práticas antirracistas para implementar no dia a dia"**. 2021. Disponível em: <<https://ibdfam.org.br/noticias/8288/5+pr%C3%A1ticas+antirracistas+para+implementar+no+dia+a+dia>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PNAD Contínua - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: características gerais dos domicílios e dos moradores**, 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

LEMOS, A. C. L. **"Por uma infância com mais respeito: dialogando sobre racismo sob olhares das crianças de uma escola da cidade de Ipirá, Bahia"**. In: *História do Brasil: uma compreensão antropológica, social, filosófica e política*. v. 1. [s.l.] Editora Científica Digital, 2021. p. 209–224.

MENDES, A. C. L. **Por uma infância com mais respeito: dialogando sobre racismo sob olhares das crianças de uma escola da cidade de Ipirá, Bahia**. In: **História do Brasil: uma compreensão antropológica, social, filosófica e política** (Vol. 1, pp. 209–224). Editora Científica Digital, 2021.

MUNANGA, K. **Negritude: Usos e Sentidos**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade nacional Versus Identidade Negra**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

MUNANGA, K. **Superando o Racismo na escola**. 2ª ed. revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

OLIVEIRA, L. F. de. "Opção decolonial e antirracismo na educação em tempos neofascistas". **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 12, n. 32, p. 11–29, 2020. Disponível em: <[https://abpnrevl.apologize for the incomplete response. Here are the remaining references in alphabetical order:](https://abpnrevl.apologizefortheincompleteresponse.com/)

SANT'ANNA VAZ, L. Silenciar é ajudar a perpetuar o racismo. Defensoria Pública do Estado do Ceará, 2020. Disponível em: <<https://www.defensoria.ce.def.br/noticia/silenciar-e-ajudar-a-perpetuar-o-racismo/>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

SANTOS MOREIRA-PRIMO, U.; XAVIER DE FRANÇA, D. Experiências de racismo em crianças: o que acontece no cotidiano escolar?. **Revista UNIABEU**, v. 13, n. 33, p. 24–44, 2020.

SILVA, M. M. da; SILVA, J. W. de S.; SILVA, R. A. da. Cenas de racismo na escola: discursos dos/as jovens do Sertão do Pajeú. **Revista ELO – Diálogos em Extensão**, v. 12, 2023.

TROYNA, B.; CARRINGTON, B. Education, racism and reform. **London:** Routledge, 1990.